

a delimitação enquanto parque, em 2005, e, eventualmente, como unidade de conservação de uso sustentável em 2019. O movimento organizado culminou na Apes, que continua engajada na manutenção.

Com o Instituto Brasília Ambiental (Ibram), órgão público responsável, a associação mobiliza-se em torno do cuidado, da limpeza e dos esforços de restauração e preservação do Cerrado nativo do local. Apesar da iniciativa, por ser cercado por área urbana consolidada, a manutenção demanda um esforço constante.

A situação piorou com a pressão exercida pela recente expansão do bairro do Sudoeste sobre um antigo terreno adjacente. “O lote, que até então pertencia à Marinha do Brasil, guardava grande trecho de mata nativa. Em 2019, 14 hectares de mata fechada de Cerrado, cercados desde os tempos da construção de Brasília, foram derubados para abrir caminho para a construção do que se tornou o ‘metro quadrado mais caro da cidade’”, explicou Dinis no texto.

O interesse de empreiteiras na região é antigo. Desde o início dos anos 2000, ocorrem projetos para a exploração imobiliária dos terrenos “vazios” no Plano Piloto. Após uma década e meia de disputa jurídica/política sobre a região, a construção das Quadras 500 do Sudoeste foi aprovada. E, por mais que a Apes assumiu à frente da disputa, os avanços do mercado imobiliário não pararam.

## A proposta

Partindo da lógica urbanística do Plano Piloto, a dissertação prevê as quatro escalas do projeto de Brasília: monumental, residencial, gregária e bucólica. Por ser condicionado ao público, o parque se encaixa na escala bucólica. O que corresponde às áreas arborizadas, conferindo a Brasília um ambiente mais livre e verde.

A partir do dado, Dinis explica que a ideia consiste em usar a arquitetura como forma de preservar o espaço e as condições de habitação para todas as espécies. De acordo com o texto, “a compreensão do Cerrado como patrimônio natural aliada à proximidade do Parque em relação ao do Eixo Monumental — patrimônio arquitetônico de relevância internacional — representa uma oportunidade de propor a pergunta: se a manutenção dos biomas é condição para a qualidade da vida nas cidades e no planeta como um todo, não pode o Cerrado ser patrimônio arquitetônico?”

APES/Tempo de Plantar



**Dia em que Dinis (2º da direita para esquerda) entregou a dissertação impressa para Lopes no Parque. Com eles, outros apoiadores da causa**

Acervo pessoal



**Arthur Dinis: “O Parque é ‘despercebido’ pelos brasilienses”**

Fotos: Fernando Lopes



**Vista da varanda do apartamento de Fernando Lopes**



**Pôr do sol no Parque Ecológico das Sucupiras**



**Trilha dentro do Parque Ecológico das Sucupiras**

O objetivo é propor a inclusão do parque no circuito de monumentos e equipamentos culturais que compõem o Eixo Monumental, elevando-o à categoria de Memorial Vivo do Cerrado. A ideia é que a vegetação preservada,

aliada à paisagem cultural e natural da cidade, passaria a compor a intersecção entre as escalas bucólica e monumental, configurando o trecho como um “monumento” que documenta a história ambiental de Brasília.

Lopes, o Parque das Sucupiras pode, sim, adquirir esse caráter, associado ao Memorial dos Povos Indígenas, ao Memorial JK e à Praça do Cruzeiro.

Outra proposta é fazer uma espécie de cerca ao redor da área. A estratégia é utilizar uma malha metálica que remete a um mosquito, ficando assim, o mais translúcido possível. A intenção, além de proteger sem sufocar o parque, é causar sensação de estranhamento aos brasilienses que passam no Eixo Monumental. Entretanto, Dinis deixa claro que “monumentalizar” o Cerrado pode dar a entender que a questão está resolvida, e não está”, disse ao refletir o perigo que o bioma corre.

## Memorial Vivo

De acordo com Dinis, a ideia é que o parque passe, também, a ser mais conhecido entre os brasilienses. Muitas vezes, ele acaba sendo ‘esquecido’. Escolhê-lo para o projeto também é tentar mudar um pouco isso, sabe? Para que as pessoas mais novas conheçam, se engajem, porque o pessoal que está tocando a associação faz isso há mais de 20 anos; então, é importante ter pessoas novas que assumam esse bastão”, afirmou.

Porém, lembra que o trabalho é apenas uma ponte para quem “de fato está colocando a mão na massa”. A ideia, além de dar palco ao trabalho de quem ajuda na manutenção, como a Apaes, é também conscientizar a respeito da importância do Cerrado. Dinis conclui que, assim como é importante informar a população sobre a Amazônia e Mata Atlântica, o bioma Cerrado deve ser lembrado. “A ideia é conscientizar e valorizar o meio ambiente. Acho que Brasília é o lugar perfeito para isso”.

**\* Estagiária sob a supervisão de Ana Sá**

No texto, Dinis cita que, no decorrer da trajetória da capital, as adições feitas no circuito do Eixo Monumental refletem o contexto político de cada período. Para elaborar, ele cita: “Sérgio Bernardes, a mando do regime militar, cravou na Praça dos Três Poderes o ‘patriótico’ Pavilhão Nacional (1972); o caldo da redemocratização se opôs ao Memorial JK (1981), mausoléu do ‘bandeirante moderno’, ao Memorial dos Povos Indígenas (1984) nas imediações de onde reuniram-se para a ‘primeira missa’ da nova capital”.

Desse modo, formalizar o parque como memorial pode materializar uma presença que faça frente a esses vetores que caracterizam Brasília. Marcando, assim, posição em relação ao apelo simbólico que representa o Eixo Monumental e a força do avanço imobiliário. Segundo Fernando